

Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Maura Catarino
César Costa Vitorino
(Organizadores)

Filosofia:

Ciência, lógica e linguagem



Atena
Editora
Ano 2022

Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Maura Catarino
César Costa Vitorino
(Organizadores)

Filosofia:

Ciência, lógica e linguagem



Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^o Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^o Dr^a Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^o Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^o Dr^a Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^o Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^o Dr^a Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^o Dr^a Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^o Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^o Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^o Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^o Dr^a Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Filosofia: ciência, lógica e linguagem

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Catarino
César Costa Vitorino

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F488 Filosofia: ciência, lógica e linguagem / Organizadores
Marcelo Máximo Purificação, Elisângela Catarino, César
Costa Vitorino. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-258-0397-5
DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.975221508>

1. Filosofia. I. Purificação, Marcelo Máximo
(Organizador). II. Catarino, Elisângela (Organizadora). III.
Vitorino, César Costa (Organizador). IV. Título.

CDD 101

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.







APRESENTAÇÃO

Prezado leitor, saudação.

Apresentamos a obra “Filosofia: Ciência, lógica e linguagem”, organizada em 4 capítulos teóricos que trazem ricas reflexões para o campo das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. No primeiro capítulo o autor, investiga modos de saída da moral através das formas jurídicas, dado que a moral, pelo menos segundo a perspectiva *mainstream*, sobretudo em Kant, atuaria como um validador externo da justiça da lei e que o direito, ao mesmo tempo, internaliza. No segundo capítulo, o autor traz uma reflexão sobre o Incesto em Angola na vertente filosófica, com vista e proporciona medidas para a redução da sua prática nas famílias angolanas. No Capítulo terceiro, o autor discute as complexidades do debate brasileiro sobre ética em pesquisa, especialmente a partir da década de 1990. E no quarto e último capítulo, o autor trabalha o conceito de violência através das contribuições de René Girard e outros teóricos. Portanto, temos uma obra ancorada nos liames de palavras-chave, como: antropologia social, contrato, desejo, direito, ética, filosofia, força, incesto, Kant, literatura, moral, René Girard e violência. Todo esse aparato, pode colaborar nos processos formativos de áreas do conhecimento. Com isso, desejamos a todos uma excelente leitura e boas reflexões.

Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Maura Catarino
César Costa Vitorino

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| CAPÍTULO 1 | 1 |
| SACHER-MASOCH E A SUBVERSÃO DESEJANTE DO CONTRATO | |
| Rogério Pacheco Alves | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.9752215081 | |
| CAPÍTULO 2 | 23 |
| UMA REFLEXÃO FILOSÓFICA SOBRE O INCESTO EM ANGOLA | |
| Filipe Manuel Domingos | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.9752215082 | |
| CAPÍTULO 3 | 34 |
| A PESQUISA CIENTÍFICA ENVOLVENDO HUMANOS E EVOLUÇÃO DOS PADRÕES ÉTICOS ADOTADOS PELO BRASIL | |
| Cícero Carlos Mendes | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.9752215083 | |
| CAPÍTULO 4 | 45 |
| PRESSUPOSTOS DE VIOLÊNCIA NA PERSPECTIVA DE RENÉ GIRARD COM CONTRIBUTOS DE OUTROS AUTORES | |
| Marcelo Máximo Purificação | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.9752215084 | |
| SOBRE OS ORGANIZADORES | 55 |
| ÍNDICE REMISSIVO | 57 |

CAPÍTULO 4

PRESSUPOSTOS DE VIOLÊNCIA NA PERSPECTIVA DE RENÉ GIRARD COM CONTRIBUTOS DE OUTROS AUTORES

Data de aceite: 01/08/2022

Marcelo Máximo Purificação

Pós-doutor em Educação pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra (FPCE/UC). Doutor em Ensino (UNIVATES). Doutor em Ciências da Religião (PUC-GO) e Doutorando em Educação (ULBRA). Professor Titular C-II na Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior (FIMES/UNIFIMES) e nos seguintes Programas de Pós-Graduação: PPEDUC/UEMS, PPGE/FACMAIS e MPIES/UNEB

A revisão bibliográfica utilizada nesse texto, é parte de um conjunto maior disponível na tese de doutoramento, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC-GO em 2014.

RESUMO: Este texto bibliográfico é parte do trabalho desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião (Doutorado) da Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC-GO (2014). Tem por objetivo trabalhar o conceito de violência através das contribuições de René Girard e outros teóricos. Desejo e violência são características fundamentais do pensamento giardiano. O autor busca compreender como a espécie humana viveu com disposição à violência e conseguiu evitar sua aniquilação. Para ele, os ritos e os mitos foram o recurso encontrado para conter os efeitos da violência. A violência não é considerada como um evento fortuito, nem como a convergência de dois desejos pelo mesmo

objeto. As construções teóricas do autor, que têm como pilares os conceitos de desejo mimético e sacrifício de vítimas expiatórias, têm se mostrado fundamentais para a fundamentação de concepções antropológicas e sociológicas que permitem compreender muitos fenômenos sociais e humanos do mundo contemporâneo, como o racismo, antissemitismo e outros. Esse fato, corrobora a ideia de que é possível tratar o tema (violência) do ponto de vista do pensamento giardiano.

PALAVRAS-CHAVE: René Girard. Violência. Força. Desejo.

ASSUMPTIONS OF VIOLENCE FROM THE PERSPECTIVE OF RENÉ GIRARD WITH CONTRIBUTIONS FROM OTHER AUTHORS

ABSTRACT: This bibliographic text is part of the work developed in the Postgraduate Program in Religious Sciences (Doctorate) of the Pontifical Catholic University of Goiás - PUC-GO (2014). It aims to work on the concept of violence through the contributions of René Girard and other theorists. Desire and violence are fundamental features of Giardian thought. The author seeks to understand how the human species lived with a disposition to violence and managed to avoid its annihilation. For him, rites and myths were the resource found to contain the effects of violence. Violence is not considered as a fortuitous event, nor as the convergence of two desires for the same object. The author's theoretical constructions, which are based on the concepts of mimetic desire and sacrifice of expiatory victims, have proved to be fundamental for the foundation of anthropological

and sociological conceptions that allow us to understand many social and human phenomena in the contemporary world, such as racism, anti-Semitism and others. This fact corroborates the idea that it is possible to address the issue (violence) from the point of view of Giardian thought.

KEYWORDS: Curriculum; Teaching; Power; Multiculturalism; Marabass cycle.

INTRODUÇÃO

Embora presente em quase todas as fases da história, a violência começou recentemente a ser considerada um problema central para o ser humano, discutida e analisada por diferentes áreas do conhecimento. Hoje, no mundo globalizado, vivemos tempos de profundas e aceleradas mudanças sociais que estão ocorrendo no contexto nacional e internacional. São vários os problemas e conflitos que afetam as condições de vida e as perspectivas de todos os cidadãos, por exemplo: a corrupção entronizada em quase todos os órgãos públicos, o desemprego, a pobreza, a fome cujos índices estão aumentando dentro da sociedade brasileira, o crescente índice de desigualdades, conflitos étnico-culturais-religiosos e mudanças de valores. Tudo isso levou o homem a uma profunda mudança de comportamento, em que a violência aparece como um problema social de primeira ordem.

A palavra violência segundo o Dicionário Houaiss (2001), é uma evolução do termo latino *violentia* e seu conceito vem etimologicamente do latim *vis*, que significa força. Tais significados estão constantemente ligados a alguma forma de força ou poder, que ataca, transgredir algo ou alguém. Mas proponho também remeter a definição para a reflexão de René Girard (1990) que, para explicar a origem da cultura e a estrutura inerente da violência nas sociedades, parte de considerar o que chama de crise mimética, ou seja, a crise de cultura, instituição, sociedade e valores. Segundo ele, as pessoas são movidas por um desejo que gera conflitos e rivalidades, apresentando uma estrutura mimética:

[...] algo é desejável para alguém exatamente na medida em que também é desejado pelos outros, advindo daí um conflito [...]. Esta atitude instintiva apenas pode ser contida quando a organização social substitui a violência de todos contra todos pela violência de todos contra um. Tal substituição é proporcionada pelo sacrifício, mecanismo que tem um papel social fundamental na medida em que funciona como instrumento de absorção da violência particular e de prevenção da violência futura. (GIRARD, 1990, p. 30-31).

Girard baseia-se na teoria de Hobbes, pensador que concebe a vida como uma luta constante pela sobrevivência e preservação da espécie humana. Segundo Hobbes (2005), quando não há normas e parâmetros institucionais seguidos por todos e apoiados por um poder superior, a convivência entre os homens torna-se guerra. Cavalcanti explica (2006, p. 21):

É próprio do homem, independentemente do estado de evolução em que se

encontre a sociedade em que vive agir em função da expectativa de uma agressão alheia a qual, paradoxalmente, ele responde antecipadamente de maneira também agressiva. Assim, entende Hobbes, que o único caminho de rompimento com este círculo vicioso de desconfiança e violências recíprocas é o do pacto social que gera e define os parâmetros da vida coletiva.

As ideias de Hobbes (2005) e Cavalcanti (2006), reforçam nossa visão de que desejo e violência são características fundamentais de Girard. O autor busca compreender como a espécie humana viveu com disposição à violência e conseguiu evitar sua aniquilação. Para Girard, os ritos e mitos foram o recurso encontrado para conter os efeitos da violência. Para ele, o desejo mimético é um fenômeno exclusivamente humano que não pode ser confundido com o instinto, pois este último está relacionado às necessidades humanas, como fome, sede e sexo. A principal característica dos instintos é que eles são predeterminados e se destinam a satisfazer as necessidades básicas do homem para garantir sua sobrevivência. O desejo mimético surge quando as necessidades humanas foram satisfeitas e o homem começa a desejar algo que não sabe exatamente o que é.

O autor critica os teóricos modernos por negligenciarem a natureza mimética do desejo, por não compreenderem a violência. O desejo é a busca de uma plenitude do ser. A primeira relação do desejo é imitativa e resulta na competição do desejo: “Dois desejos que convergem para o mesmo objeto constituem um obstáculo recíproco. Toda mimese ligada ao desejo conduz necessariamente ao conflito” (GIRARD, 1990, p. 185).

VIOLÊNCIA SOB A LUPA TEÓRICA DE RENÉ GIRARD E OUTROS

René Girard abrange os campos da história, filosofia, sociologia e antropologia, suas ideias levam à construção de uma Antropologia geral. No entanto, seu exame vai além da divisão entre primitivo e civilizado, pois para o autor todas as culturas em todas as suas etapas podem passar pelo mesmo crivo. Na obra *Violência e o Sagrado*, publicada em 1972, o autor apresenta a tese segundo a qual o ser humano é essencialmente marcado por um desejo mimético (o desejo de ter o bem do outro). Essa capacidade mimética é um dos pilares da própria cultura. Os homens desejam o bem e o ser dos outros. Assim, quanto mais quero o objeto que o outro tem, mais desejável ele será, o que acabará gerando uma rivalidade mimética. O conflito é uma consequência direta do desejo mimético.

Segundo Girard, as causas da rivalidade nessa relação são ignoradas porque as semelhanças nas relações humanas evocam uma ideia de harmonia. No entanto, a semelhança do desejo ignora o fato de que o desejo deve encontrar maneiras de se satisfazer. A violência não é considerada um evento fortuito, nem é a convergência de dois desejos pelo mesmo objeto. O sujeito quer o objeto porque o próprio rival o quer (GIRARD, 1990). A relação mimética é marcada pelo papel de modelo e discípulo. Estes não reconhecem inicialmente a aparência de um sentimento de rivalidade recíproca. Mesmo alimentando a imitação do desejo, o modelo se surpreende com a competição

a que está submetido e considera a ação uma traição ao discípulo. O discípulo, por sua vez, interpreta que o modelo o julga indigno de possuir tal objeto de desejo, e se sente censurado e humilhado. Deve-se enfatizar que a relação entre modelo e discípulo pode mudar. O próprio discípulo pode servir de modelo ao seu próprio modelo. Alguém que é um modelo em uma relação, aqui ou em outro lugar, pode desempenhar o papel de seguidor. É claro que a posição de discípulo é a única essencial. É através dela que a situação humana fundamental deve ser definida (GIRARD, 1990, p. 185).

O desejo pelo objeto que motiva o conflito dá lugar ao desenvolvimento da violência. Assim, “a violência é ao mesmo tempo instrumento, objeto e sujeito universal de todos os desejos” (GIRARD, 1990, p. 179). A rivalidade recíproca é motivada por um desejo mimético que desencadeia um ciclo de violência, um processo que se alimenta de si mesmo. A violência assume dimensões mais amplas à medida que contagia mais pessoas, fenômeno que o autor chama de contágio mimético. Esse contágio desencadeia a crise da violência.

O sacrifício como instrumento de catarse social permitiu que os homens despejassem todos os seus desejos de vingança, ódio e agressão sobre a vítima do sacrifício. Essa ideia é baseada na mitologia grega e no Antigo Testamento, como o mito de Caim e Abel. Abel era pastor e o sacrifício de seu rebanho foi em honra de Deus. No entanto, Caim era agricultor e não tinha o mesmo recurso. Motivado pelo desejo mimético ou pela inveja do amor de Deus por seu irmão, ele decide matar Abel.

Girard (2004), estudando as consequências da violência do desejo mimético descontrolado, postulou a hipótese do bode expiatório: Se todos os homens que desejam a mesma coisa nunca se entendem, já os que odeiam em conjunto o mesmo adversário entendem-se muito facilmente. De certo modo, este entendimento é aquilo a que chamamos a política! É por isso que eu chamo ao mecanismo da vítima unitária, o mecanismo do bode expiatório. (GIRARD, 2004, p. 6-7).

Esse mecanismo não é uma abstração filosófica, pois Girard acredita ter encontrado o fenômeno a partir da comparação de diferentes mitos, em sociedades distantes, que não tiveram contato. Na descrição desses mitos, aparece o mecanismo do bode expiatório, que é considerado o responsável, mas logo após ser sacrificado é considerado sagrado. Porque graças ao seu sacrifício a paz social volta. A violência e o sagrado são, portanto, duas faces da mesma moeda.

Ao longo dos anos, houve um aumento de todas as formas de violência: crimes, assassinatos, sequestros, assaltos, estupros e guerras entre os povos. No entanto, é a forma mais visível de violência. A face menos visível permanece coberta. Há dados sobre o aumento do desemprego, a prostituição infantil, a prática de violência doméstica, a diferença salarial entre homens e mulheres, entre brancos e negros, etc. (CAVALCANTI, 2008). Tudo isso faz da violência um dos maiores problemas do Brasil, e há muitos custos para contê-la. Daí a necessidade de criar políticas públicas de prevenção.

Várias formas de violência são observadas, como a violência urbana, a violência

praticada por meio da discriminação contra minorias, a violência social devido aos altos níveis de desigualdade social e pobreza, violência doméstica, entre outras (CAVALCANTI, 2008). A busca pela prevenção do problema deve ser um objetivo comum de toda a sociedade, pois, como aponta a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002, p. 3):[...] “pessoas estão expostas todos os dias a muitos riscos, seja em contato com doenças, consumo inadequado de produtos, violência ou uma catástrofe ambiental. Algumas vezes populações inteiras estão em perigo, em outras situações, apenas um indivíduo”.

No século XIX, com a constitucionalização dos direitos humanos, a questão da violência passou a ser analisada com maior profundidade e apontada por diversos setores da sociedade como um imenso desafio para a sociedade moderna. Hannah Arendt (1999), ao analisar o homem contemporâneo, afirma que ele se retraiu em si, narcisicamente, alienando-se. A ciência e todos os poderes políticos e públicos contribuíram para a criação e estabelecimento de arsenais assassinos, implacáveis contra milhares de pessoas, começando a marchar com a barbárie. A violência foi legalizada pelo Estado, que transformou seus homens em meras engrenagens desumanizadas de um sistema, no qual proliferava um assassino imaginário que gerou um horror inconcebível, dilacerando os sentidos do homem. Ao longo da história, o Estado sempre legalizou guerras, massacres, para salvaguardar sua integridade.

A violência está presente na história nos mais variados passos e gestos do homem, não se manifesta de forma isolada e se introjeta, mais ou menos, em todo o tecido social, reproduzindo-se inclusive através das vítimas da violência. Porto (2010) sustenta que há uma redefinição da violência. Ele explica que a dificuldade, portanto, em definir a violência decorre do fato de ela ser uma categoria empírica de manifestação social, e que sua apreensão é condicionada pelos arranjos sociais dos quais ela emerge.

Nesse sentido, Michaud (1978) destaca que a relatividade da noção de violência deve ser questionada do ponto de vista do que os sujeitos consideram violência e das condições pelas quais a violência é percebida. É porque temos uma mudança no significado do termo. Um exemplo é que há algumas décadas estupros ou espancamentos de mulheres eram fenômenos tratados na esfera privada, não classificados como violência. A criação das Delegacias da Mulher e a criminalização dos atos de violência contra a mulher apontam para novos significados do que é considerado violência, o que reflete outro status da condição da mulher.

Para o autor, a evolução da noção de violência está diretamente ligada à evolução da natureza do social. Com efeito, “se a natureza do social muda, as formas de manifestação da violência e seus significados também mudam” (MICHAUD, 1978, p. 51). Nesse contexto, podemos dizer que a violência é um ato que não se limita às sanções penais, mas se caracteriza pelo não reconhecimento do outro, como: falta de respeito, abandono e humilhação. Violência que, explícita ou simbólica, é definida como grosseria por Debarbieux (1997). Essa análise expõe a ideia de que a percepção da violência em suas

diferentes dimensões deve levar em conta “a pluralidade de valores e configurações sociais decorrentes dos processos de transformação social” (MICHAUD, 1978, p. 54). Esses atos não são necessariamente puníveis, mas em suas formas mais inofensivas aparecem como ameaças contra a ordem estabelecida e transgridem os códigos elementares da vida em sociedade, o código dos bons costumes. São intoleráveis pelo sentimento de “desrespeito” que produzem naqueles que sofrem com eles.

Como fenômeno exclusivamente humano, a violência não pode ser vista fora de um quadro histórico e cultural. Dado que as normas de conduta variam histórica e culturalmente de acordo com o grupo analisado, os atos entendidos como violentos por algumas culturas não o são por outras. Por exemplo, em alguns países islâmicos, a retirada do clitóris feminino é considerada normal pela maioria dos muçulmanos e não é considerada crime, ao contrário dos países ocidentais, onde é considerado um ato de violação dos direitos humanos. A esse respeito, DaMatta (1992 apud CAVALCANTI, 2008, p. 28) afirma que:[...] as noções de violento e violência estão relacionadas à maldade humana, ou ao uso da força contra o fraco, o pobre ou o destituído. Neste contexto, o pobre, o fraco e o destituído surgem quase como inocentes (como a criança espancada ou a mulher violentada), sendo muito mais uma questão de categorização moral do que de pertinente classificação econômica ou política.

Portanto, a violência (como a dor, a doença, a inveja e a desgraça) tem uma distribuição desigual na sociedade, uma repartição apenas associativa com certas categorias sociais:

Elas sorriem para os pobres, muito mais do que para os ricos. A violência seria resultante de um desequilíbrio entre fortes e fracos. Isso remete a um traço essencial do discurso do senso comum sobre a violência. O autor afirma também que os atos de violência ocorrem com frequência quando os homens não utilizam os recursos de mediação (a palavra, a argumentação e o diálogo). Quando as pessoas utilizam esses instrumentos o mundo continua seguro e tranquilo, mas se abrem mão disto, a realidade se transforma. Assim, o violento é o direto, a ação que, dispensando intermediários, age numa relação direta dos meios com os fins, sem consideração de quaisquer outras ordens. Quer dizer, meios e fins aqui não têm nenhuma legitimação porquanto não são mediatizados nem pela moralidade nem pelas leis. (CAVALCANTI, 2008, p.29).

Então, se eu quiser, eu pego; se luxúria, estupro; se não tiver, roubo; se sou contra, me rebelo. Nas relações familiares violentas observamos a presença de vários fatores. Os agressores usam o equilíbrio de poder e força física para subjugar as vítimas e mantê-las submetidas às mais variadas formas de violência. Para Foucault (2002), a violência é vista como uma forma de exercício do poder e se manifesta nas relações interpessoais, educacionais, profissionais e na própria família. Nessa perspectiva, o poder funciona em cadeia, pois os indivíduos não apenas circulam, mas podem sempre exercer esse poder e sofrer sua ação.

Foucault (2002) também apresenta a violência como um fenômeno multicausal. Desenvolve-se um processo de vitimização que se caracteriza pela aplicação de atos com a intenção de prejudicar, subestimar, subestimar e subjugar, com a característica de estar sempre envolvido no poder, seja intelectual, econômico, físico, social ou político. Nesse contexto, a parcela da população que se apresenta como a mais desfavorecida da sociedade, como crianças, adolescentes e mulheres, é comumente envolvida, sem deixar outras de lado.

A violência, para a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002), é a imposição de um grau significativo de dor e sofrimento evitáveis. Este conceito tem uma amplitude e ambiguidade de interpretações. Estamos nos aproximando da violência. E como a imposição da dor, a agressão cometida por uma pessoa contra outra, tenhamos em mente que a dor é sintoma de algo e até mesmo esse algo em si.

A violência é apenas uma forma de manifestação da agressividade, um instinto que constitui o organismo animal que também habita o ser humano. Para melhor compreender a violência, é preciso distingui-la da agressão. Toda violência pressupõe agressão, mas nem toda agressão pressupõe violência, assim como toda atividade humana pressupõe agressão, mas não violência.

Para Maffesoli (1987), a palavra violência está ligada à ideia de valores conflitantes. A ideia do autor parte das concepções de Max Weber, que afirma a compreensão da violência “não como um fato anacrônico, uma sobrevivência de tempos bárbaros ou pré-civilizados, mas como a maior manifestação do antagonismo existente entre vontade e necessidade” (MAFFESOLI, 1987, p. 9). Nesse contexto, os conflitos aparecem como motores responsáveis pelo dinamismo das relações sociais que podem levar à violência. Deduzimos que a violência é um processo diverso em suas manifestações, que ocorre individual ou coletivamente, na família, ou em diferentes grupos e segmentos, em instituições, no campo ou na cidade. Pode ser violência física, moral ou psicológica.

Para Chauí (2006), violência é desnaturalização, coação, tortura, violação, estupro; “[...] é um ato de brutalidade, abuso e violência física e/ou psicológica contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão, intimidação, medo e terror”. No campo da saúde pública, a violência recebeu a designação de “causas externas” na Classificação Internacional de Doenças (CID-10) da Organização Mundial da Saúde, mas desde 1980 é reconhecida como “um problema de saúde pública, não só numa perspectiva de saúde pública “em termos de traumas físicos, mas também das graves consequências para a saúde mental de quem a sofre” (OMS, 2002, p. 23).

A violência pode ser definida, segundo Michaud (2001), como um comportamento que causa dano a outra pessoa, a um objeto ou a um ser vivo. É uma forma de negação da autonomia, integridade psíquica e/ou física à vida do outro, caracterizada pelo uso excessivo da força. Desta forma, a violência se distingue da força, porque são palavras tão próximas no pensamento cotidiano, mas tão distantes em seu significado. Enquanto

“força” significa a firmeza ou energia de algo, e não necessariamente de uma pessoa, a violência é caracterizada por uma ação corrupta, impaciente, baseada na raiva, que não busca convencer o outro, apenas atacar. A violência é explícita quando viola normas sociais ou morais, e não é um conceito absoluto.

Entre as várias causas encontradas para justificar a violência estão, além das causas históricas, a exploração da violência na mídia, o fácil acesso às armas de fogo e seu uso banalizado, além de processos de discriminação e altos índices de violência. Para falar das causas do aumento da violência no Brasil, é preciso entender a mecânica e distinguir os diferentes graus e aspectos de controle legal, político e social que permeiam a violência. A violência no Brasil não é uma ação, mas uma reação.

A violência urbana possui certas características que a diferenciam de outros tipos de violência e é produzida pelas condições de vida e convivência no meio urbano. A alta taxa de criminalidade é a manifestação mais óbvia disso; e a mais constante é a violação dos códigos primários de conduta civilizada (KOLYANIK FILHO, 2006). A violência urbana é causada pelos valores morais, sociais, culturais, políticos e econômicos de uma sociedade. No entanto, acaba incorporando modelos “imitados” de países com maior projeção internacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar de uma dimensão mimética no pensamento de René Girard é entrar no caráter mimético do desejo humano. Trata-se de compreender as ações interativas dos indivíduos que assim o desejam, em uma dinâmica coletiva. Mas afinal o que é desejo? Para Girard (1990), o desejo ocorre na mimese, na imitação, um desejo que imita o outro, que também deseja aquele objeto. “Esse caráter mimético do desejo é a causa primeira da violência humana, ou seja, em princípio a violência aparece como uma derivação não calculada do caráter mimético do desejo” (GIRARD, 1990, p.180). Portanto, sua teoria é uma explicação do comportamento e da cultura humana.

Entende-se a partir de Girard (2009), que a vítima expiatória surge quando o grupo escolhe por unanimidade o responsável pelos males que recaem sobre a comunidade. Segundo ele, é um mecanismo fundador que orienta toda comunidade humana e toda ordem cultural. A eliminação dessa vítima reconcilia o grupo, pois “a escolhida é a vítima onde ocorrerá a descarga da culpa e das impressões que desencadeiam a violência” (Girard, 2009, p. 180).

No pensamento giardiano, vemos que “o papel de bode expiatório pode ser objeto de verificações concretas, de que a verdade está ancorada na própria estrutura das comunidades” (GIRARD, 1990, p. 386). Ainda segundo Girard, temos um grande domínio da violência com relação ao lugar. No entanto, as pessoas não estão cientes da violência em si. A mediação externa resolve imperfeitamente o problema da violência porque o faz

por meio de uma vítima. Acho que temos paz em nível individual, mas a ameaça é em nível coletivo. O ritual, como a proibição, apenas retarda a eclosão da violência.

Consta-se em Girard (2009) que é nas relações sociais que podemos considerar a origem da violência, é a partir dessas relações reproduzidas dentro da escola que esse processo se constitui como determinante. Tomando a escola como um espaço de contradições, que Girard apresenta como uma “dupla e ambígua relação de amor e ódio” onde a violência se caracteriza como uma forma de rejeição do próprio espaço escolar, também mostra certa resistência em compreender a escola como espaço de superação dessas contradições.

REFERÊNCIAS

ARENDRT, Hannah. Crise na educação. In: _____. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectivas, 1979.

CAVALCANTI, Stela Valéria Soares de Farias. **Violência doméstica contra a mulher**: prevenção, repressão e políticas públicas no Brasil. Maceió: Ed. do Autor, 2006.

Violência doméstica: análise artigo por artigo da Lei Maria da Penha, nº 11340/06. 2. ed. Salvador: Jus Podivm, 2008.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Cultura e democracia**: o discurso competente e outras falas. São Paulo: Moderna, 2006.

DEBARBIEUX, Eric. La violencia en la escuela francesa: análisis de la situación, políticas públicas e investigaciones. **Revista de Educación**, Madrid, n. 313, p.79-93, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

GIRARD, René. **A violência e o sagrado**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

_____. **O bode expiatório**. São Paulo: Paulus, 2004.

HOBBS, Thomas. **Leviathan ou matéria, forma e poder de um Estado Eclesiástico e civil (1651)**. Texto integral. São Paulo: Martin Claret, 2005.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KOLYANIK FILHO, Carol. Violência Urbana e violência no esporte. **Discorpo**, São Paulo: Departamento de Educação Física e Esportes da PUC-SP, n. 14, p. 41-54, 2006.

MAFFESOLI, Michel. **Dinâmica da violência**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, Edições Vértice, 1987.

MICHAUD, Yves. **Violence et politique**. Paris: Gallimard, 1978.

_____. **A violência**. São Paulo: Ática, 2001.

OMS. Organização Mundial de Saúde. **Relatório Mundial sobre Violência e Saúde**, Genebra: OMS, 2002.

PORTO, Maria Stela Grossi. **Sociologia da violência**: do conceito às epresentações sociais. Brasília: Verbana, 2010.

SOBRE OS ORGANIZADORES

MARCELO MÁXIMO PURIFICAÇÃO – Pós-Doutor em Educação pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra - Portugal (PFCE/UC, 2014-2016). Pós-Doutor em Formação Docente, Identidade e Gênero pelo Instituto Politécnico da Escola Superior de Educação de Coimbra - Portugal (ESEC, 2017-2021). Doutor em Ensino (Educação Matemática e Tecnologia - pela UNIVATES, 2018/2022). Doutor em Ciências da Religião (Religião, Sociedade e Cultura/Movimentos Sociais - pela PUC-Goiás, 2010-2014). Doutorando em Educação (Estudos Culturais - pela ULBRA, 2020-). Possui Mestrado Profissional em Teologia - Educação Comunitária, Infância e Juventude (EST/UFRGS, 2008-2009) e Mestrado Acadêmico em Ciências da Educação (UEP, 2007-2009). Graduado a nível de licenciatura em: Matemática (UEG), Pedagogia (ICSH/UFG), Filosofia (FBB) e Ciências Sociais (Faculdade Única) e, bacharelado em teologia (FATEBOV). Atualmente é Professor Titular C-II da Fundação Municipal Integrada de Ensino Superior (FIMES / UNIFIMES) desde 2014 (onde atua em atividades de ensino, pesquisa e extensão na graduação e pós-graduação) e Professor P-IV da Secretaria Estadual de Educação de Goiás (SEDUC) desde 1999 na área de Matemática. Atua, ainda, como Docente Permanente nos seguintes Programas de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado) da Fundação Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS), Linha 1 Currículo, Formação Docente e Diversidade (Cooperação técnica nº 1038/2019. Publicado no D. O. nº 10038 de 28/11/2019), Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado) da Faculdade de Inhumas (PPGEDU-FACMAIS), Linha 1 Educação, Instituições e Políticas Educacionais (EIPE) e, do Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social (MPIES) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) (Colaboração Técnica, sem vínculo empregatício), na Linha 2 Novas Formas de Subjetivação e Organização Comunitária. Coordenador do Grupo de Pesquisa (NEPEM/UNIFIMES-CNPq); Colíder do Grupo de Pesquisa em Educação, Tecnologias Sociais e Desenvolvimento no interior do Amazonas (do IFAM). Associado na ANPED/Nacional. Associado na APEDUC - Associação Portuguesa de Educação em Ciências. Membro da Comissão Editorial da Revista Científica em Educação da FACMAIS (2020 -); Membro do Comitê Científico da Editora Atena (2019 -); Editor da Revista Científica Novas Configurações Diálogos Plurais (2020 -). Membro do Comitê Científico da área Ciências Humanas da editora Publishing. Avaliador do Guia da Faculdade (2020-). Avaliador de Cursos e Instituições cadastrado no Conselho Estadual de Goiás - CEE/GO. Pesquisador cadastrado no ORCID e no ResearchGate. Tem experiência na área da Educação atuando no eixo da Diversidade. Atualmente interessa-me pesquisa em dois grupos temáticos: I Processos Educativos: Formação de Professores, Políticas Educacionais, Currículo, Desenvolvimento Profissional, Ensino e Tecnologia; II Estudos Culturais: Identidade, Representação, Gênero, Violência, Negritude, Religiosidade e Cultura.

ELISÂNGELA MAURA CATARINO – Pós-doutora em Educação pela Escola Superior de Educação de Coimbra - ESEC/PT (2017-2019) sob a orientação da Dra. Fátima Neves. Doutora em Ciências da Religião pela PUC-GO (2005 - CAPES 5) na Linha de Pesquisa

Religião e Movimentos Sociais. Mestra em Teologia com especialização em Educação Comunitária Infância e Juventude pela EST/UFRGS (2010 - Conceito 5 CAPES). Especialista em Língua Portuguesa pela Universidade Salgado de Oliveira (2007) e Docência do Ensino Superior pela FAMATEC (2012). Licenciada em Língua Portuguesa e inglesa e suas respectivas licenciaturas, pela Universidade Estadual de Goiás (2004) e Licenciada em Filosofia pelo Instituto de Ciências Sociais e Humanas - ICSH (2003). É servidora pública da Secretaria Estadual de Educação de Goiás - SEDUCE (1999 - Professora P-IV) e da Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior (2015 - Professora Titular - CII), onde atua como professora na Pós-graduação e nos Cursos de Medicina Veterinária, Engenharia, Pedagogia, Educação Física e Psicologia. Colíder do Grupo de Pesquisa Psicologia, Processos Educativos e Inclusão da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS); Pesquisadora no Grupo de Pesquisa NEPEM/UNIFIMES/CNPq. Professora colaboradora no Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social - MPIES da Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Atualmente trabalha com as seguintes temáticas: Literatura. Linguagem. Educação e Diversidade e Educação Especial com foco nos surdos.

CÉSAR COSTA VITORINO - Possui graduação em Pedagogia Habilitação em Magistério das Séries Iniciais do 1º Grau pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB (1990), graduação em Pedagogia Habilitação em Magistério das Matérias Pedagógicas do 2º Grau pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB (1994), Especialização em Planejamento e Prática de Ensino pela Faculdade de Educação da Bahia - FEBA (1992), Mestrado em Letras, área de concentração Linguística Histórica, pela Universidade Federal da Bahia - UFBA (1999) e Doutorado em Programa de Pós-graduação em Letras, área de concentração Linguística, Conceito CAPES 6, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS (2014). Professor Permanente do Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social (MPIES/UNEB/Campus XI) e Orientador. Membro do Grupo de Pesquisa Núcleo de Estudos Africanos e Afro-brasileiros em Línguas e Culturas (NGEAALC / UNEB), Membro do Grupo de Pesquisa: Educação, Políticas Públicas e Desenvolvimento Social (EPODS/UNEB), Membro do Grupo de Pesquisa GCONPORT- Fala e contexto no português brasileiro / UNEB. Atualmente é Professor Doutor II da Fundação Visconde de Cairu (FVC), Professor Assistente da Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Atuou como Coordenador Geral do curso de Letras PARFOR da Universidade do Estado da Bahia - UNEB (2010 - 2020). Atuou como Coordenador Geral do curso de Pedagogia PARFOR da Universidade do Estado da Bahia - UNEB (2017 - 2020). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: aprendizagem, educação, cultura africana banto, educação infantil, literatura e escrita, psicolinguística da leitura, Teoria dos Espaços Mentais (TEM), Ensino de Língua Portuguesa em escolas quilombolas.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Angola 23, 24, 30, 31, 32, 33

Antropologia social 34, 42

C

Contrato 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 18, 19, 20

D

Desejo 1, 4, 5, 6, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 25, 28, 29, 45, 46, 47, 48, 52

Direito 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 12, 19, 20, 22, 29

E

Ética 1, 2, 3, 13, 16, 17, 18, 19, 22, 26, 27, 28, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44

F

Filosofia 1, 3, 4, 5, 7, 10, 12, 20, 21, 23, 32, 34, 47, 55, 56

Força 6, 7, 9, 15, 19, 20, 45, 46, 50, 51, 52

I

Incesto 10, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33

K

Kant 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 10, 12, 13, 15, 16, 21, 22

L

Literatura 1, 3, 4, 9, 33, 56

M

Masoch 1, 2, 3, 4, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 18, 19, 20, 21, 22

Moral 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 10, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 23, 26, 27, 28, 50, 51

P

Pesquisa 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 55, 56

R

Reflexão 23, 24, 26, 30, 31, 46

René Girard 45, 46, 47, 52

S

Spinoza 1, 2, 3, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22

V

Violência 7, 20, 28, 40, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55

Filosofia:





Ciência, lógica e linguagem

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Ano 2022

Filosofia:

Ciência, lógica e linguagem

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Ano 2022